Trigésima carta

> **Sumário.** Carta de Frederico. — Necessidade de um milagre para salvar o mundo. — De quem devemos esperá-lo. — Duas vozes no-lo gritam. — Voz do céu e voz do inferno. — Voz do céu: Movimento misterioso que impele o mundo católico para a Santíssima Virgem. — Oito grandes fatos desconhecidos há quarenta anos. — Influência do dogma da Imaculada Conceição.

16 de outubro.

Meu caro amigo

Apresso-me a retomar a nossa correspondência, interrompida por tempo demais. Só hoje o carteiro me traz a tua carta; mas, por estar atrasada, não é menos bem-vinda.

Escreves-me:

> *A menos que se faça voluntariamente ilusão, ninguém pode admitir, fora do milagre, a restauração da ordem no mundo atual, isto é, a libertação da Igreja e a salvação da sociedade. Digo o mesmo da perseverança dos católicos em geral. A perseguição que sofrem é a de Juliano.*

> *Ora, a perseguição de Juliano me parece bem mais perigosa que a de Nero: uma faz mártires; a outra faz apóstatas. E, como era preciso um milagre de graça para sustentar os primeiros cristãos no meio dos tormentos, assim é preciso um para salvar os católicos de hoje, os jovens sobretudo, em meio aos perigos desconhecidos que os cercam. Mas esse milagre, de quem devemos esperá-lo?*

Minha carta vai responder à tua pergunta.

O restabelecimento da ordem no mundo, a libertação da Igreja, a conservação da sociedade, a perseverança dos católicos em geral dependem evidentemente da derrota da Revolução. A Revolução penetrou até as entranhas da Europa. Para ser séria, sua derrota deve ser universal: derrota na política, nas constituições e nas leis; derrota nas ideias e nos costumes; derrota na

educação, nas artes, nas ciências, na filosofia; derrota no espírito que a Revolução sopra por toda parte e que faz a Europa à sua imagem. Quem operará essa mudança, não digo bastante, essa refundição da humanidade?

Os governos? Mas são todos mais ou menos revolucionários.

As nações? Mas não há uma só que seja católica como nação; ao contrário, todas estão revolucionadas e, como os seus governos, mais ou menos revolucionárias.

Os sábios, os filósofos, os acadêmicos, os jornalistas? Mas, salvo raras exceções, todos são os pontífices e os sequazes da Revolução.

Os católicos! Há católicos e católicos. Há os católicos de nome, entre os quais a Revolução conta a maior parte de seus corifeus; há os católicos egoístas, moles, medrosos, adormecedores e adormecidos. Crer que essa gente é da raça dos homens que salvarão Israel seria pueril.

Há os católicos verdadeiros e de velha cepa, que estão prontos para o martírio. Qual é o seu número? Ignoro-o. Mas o que se pode afirmar é que não é grande; que esses verdadeiros católicos não estão no poder em nenhuma nação; que sua voz se perde em meio aos clamores dos revolucionários e que, em seus pedidos mais justos, os vemos insolentemente repelidos.

Deve-se, pois, desesperar? Sim, de todos os salvadores humanos. Só há um Salvador do mundo, nunca haverá mais que um: é Nosso Senhor Jesus Cristo.[1]

Qual é a conduta do mundo para com o seu único Salvador? Pede-lhe misericórdia, chama-o em seu socorro? Sabes como eu que faz o contrário: insulta-o, blasfema dele, renega-o, expulsa-o de seus pensamentos e de suas afeições. Persegue os que o amam e o servem.

Castigos e não favores: eis, pois, o que o mundo atual deve esperar desse Salvador, justamente irritado demais. Quem o abrandará? Quem mudará a sua cólera em misericórdia? Por conseguinte, quem nos salvará?

Tranquilizemo-nos, meu caro amigo: uma esperança nos resta. O onipotente Deus das vinganças, *Deus ultionum Dominus*, tem uma Mãe que tudo pode sobre o seu coração; uma Mãe que nos ama com ternura; uma Mãe a quem confiou a chave de todos os seus tesouros; uma Mãe investida da missão especial de esmagar a cabeça da antiga serpente, causa sempre antiga e sempre nova de todos os crimes e de todas as desgraças do mundo.

Tal é a fé dos séculos; tal é o ensino ininterrupto de todos os doutores do Oriente e do Ocidente. Em nome de todos, escutemos são Bernardo. Por ser um dos últimos, não é o menos ilustre.

> *Subindo ao céu — diz-nos —, a bem-aventurada Virgem, como seu divino Filho, derramará benefícios sobre o mundo. Por que não? Nem o poder nem a vontade lhe faltam.*

> *É a Rainha dos céus; é misericordiosa; é a Mãe do Filho único de Deus. Melhor que todo o resto, essa qualidade nos mostra a extensão de seu poder e de sua bondade.*

> *Elevai, pois, os vossos espíritos e compreendei com que devoção Deus quer que honremos Maria, em quem pôs a plenitude de todo bem. Saibamos, pois, que tudo o que há em nós de esperança, de graça e de salvação nos vem de Maria. Com toda a ternura de nossos corações, com todo o poder de nossas afeições, com todos os nossos votos honremos essa Maria: pois tal é a vontade Daquele que quer que tudo tenhamos por Maria.*[2]

Eco fiel da palavra infalível saída da boca do Todo-Poderoso, no começo do mundo, e dirigida à serpente vitoriosa: Uma mulher te esmagará a cabeça, a Igreja, de século em século, a repete a Maria:

> *Alegrai-vos, Virgem Maria; só vós exterminastes todas as heresias no universo inteiro:*

Gaude, virgo Maria, cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo. Por heresias deve-se entender todas as potências inimigas do cristianismo, de que Satanás é o inspirador e o sustentáculo. Vencê-las é esmagar-lhe a cabeça: a Maria só esse poder e essa glória.

Que temos, pois, a fazer, meu caro Frederico, e, se quer ser salvo conosco, o mundo atual? Vou dizer-to.

Em meados do século XVI, o formidável império dos turcos, embriagado com os seus sucessos no Oriente, ameaçava precipitar-se sobre a Europa e conduzi-la à barbárie, passando pela destruição e pelo morticínio. À vista do perigo, que faz o pai das nações cristãs? O grande papa são Pio V ergue os olhos ao céu e chama Maria em socorro da cristandade. Sua oração é ouvida; uma grande batalha é travada, e as águas de Lepanto tornam-se o túmulo do poderio otomano.

Maria é sempre a mesma, e sua missão não mudou. Cada vez que a serpente infernal levantar a cabeça, Maria, piedosamente invocada, a calcará com o seu pé virginal, e a vitória nos ficará. Tudo isso quer dizer, meu caro amigo, que o nó do problema social, de que depende a morte ou a vida do mundo atual, está nas mãos da Santíssima Virgem.

Duas vozes no-lo gritam: a voz do céu e a voz do inferno.

A voz do céu. O Espírito Santo, que dirige a Igreja, que a protege, que não a deixa um segundo e que estará com ela até a consumação dos séculos, inspira-lhe em cada época o que ela deve fazer,

o que deve dizer para assegurar a salvação das nações confiadas à sua materna solicitude. A prova desse fato pode ler-se em todas as páginas da história. Devemos acrescentar que hoje se mostra com ofuscante brilho.

Há quarenta anos, um instinto misterioso, irresistível, impele o mundo católico para a augusta Virgem. O fato é visível como o sol. Para honrar a poderosa Rainha do universo, para obter a sua proteção, para popularizá-la, o bom século XIX fez mais, durante a primeira metade de sua vida, do que vários séculos anteriores durante toda a duração de sua existência. Não só conservou as antigas devoções a Maria, mas encontrou outras novas, desconhecidas até ele: alguns exemplos apenas.

O Mês de Maria, celebrado hoje nas cinco partes do mundo, nas cidades e até nas mais humildes aldeias.

A Medalha Milagrosa, suspensa sobre milhões e milhões de peitos, em todos os lugares que o sol ilumina.

O Rosário Vivo, imenso concerto de invocações, noite e dia ressoando no coração de Maria, onde quer que haja católicos, e há-os por toda parte.

A Arquiconfraria de Nossa Senhora das Vitórias, para a conversão dos pecadores: verdadeira árvore da vida, cujo fruto ressuscitou milhares de mortos, no Velho e no Novo Mundo.

A Associação de Nossa Senhora do Sagrado Coração, que honra Maria como a senhora absoluta do Coração de seu divino Filho e como a advogada das causas desesperadas: nova manifestação de confiança ilimitada, ontem ainda desconhecida e hoje célebre em toda a Europa.

Uma multidão de obras de história, de erudição e de eloquência, às quais é preciso acrescentar mais de sessenta Meses de Maria, consagrados a explorar a mina inesgotável de beleza, de bondade e de poder que se encontra em Maria.

Estátuas sem conta, erguidas ao pé das montanhas, à beira dos caminhos, à entrada das aldeias, e diante das quais a Mãe de misericórdia é cada dia invocada milhares de vezes.

As antigas peregrinações aos santuários mais venerados de Maria: Einsiedeln, Boulogne, Chartres, Verdelais, o Osier, Rocamadour e muitos outros, retomadas com brilho até aqui sem exemplo.

Como coroamento dessas manifestações espantosas, a proclamação solene do dogma da Imaculada Conceição.

Desde longo tempo desejada por todos os videntes de Israel, essa proclamação produz duplo efeito. De um lado, afirmando irrevogavelmente o mais belo privilégio de Maria, torna de algum modo a poderosa Rainha do céu devedora da terra. Para pagar tanta glória, que não devemos esperar de sua liberalidade? De outro lado, esse dogma é eminentemente social, pois é em primeiríssimo lugar antirrevolucionário.

Sabes, meu caro amigo, o que faz a criancinha que diz: Maria foi concebida sem pecado? Com o sopro de sua boca inocente faz ruir todo o andaime de sofismas, de blasfêmias e de negações tão laboriosamente erguido contra o cristianismo pela incredulidade antiga e moderna.

«Maria foi concebida sem pecado» é uma fórmula algébrica que significa: a queda do homem; a transmissão do pecado original; a isenção de Maria em vista da maternidade divina; a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo; a divindade da Igreja; a infalível certeza das recompensas e dos castigos futuros; ao mesmo tempo que põe diante de nossos olhos o tipo da pureza sem mancha, para o qual devemos constantemente gravitar.

«Maria foi concebida sem pecado» é, pois, o remédio providencial aos dois cânceres que roem a Europa atual: o naturalismo e o sensualismo.

Termino esta carta, já longa, prometendo-te para a primeira algo de mais espantoso do que o que precede.

Todo teu.

Notas

[1] *Unus est mediator Dei et hominum homo Christus Jesus.* (1 Tm 2, 5.) — *Non est in alio aliquo salus.* (At 4, 12.)

[2] *Serm.* I, *De assumpt. B. M.*, n. 2. — *Quia sic est voluntas ejus, qui totum nos habere voluit per Mariam.* (De aquæductu, n. 6 et 7.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:40 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:40 by Admin